

# A LONGA TRAVESSIA ASIÁTICA DE BENTO DE GÓIS

Prof. HORÁCIO PEIXOTO DE ARAÚJO  
Universidade Católica Portuguesa, Lisboa

## RESÚMEN

Todos los años, desde inicios del SIGLO XVI, una armada tomaba rumbo desde Lisboa hasta Extremo Oriente. Junto a marineros, soldados y mercaderes, en la *Carrera de Indias* se embarcaban misioneros que nos han dejado valiosísimos testimonios de un viaje que duraba de unos seis a siete meses e implicaba prácticamente la despedida definitiva de la familia, de la patria y de los amigos (son casos excepcionales los misioneros que vuelven y casi todos por razones oficiales). Llegados a su destino, los misioneros aguardaban el tiempo necesario para completar su formación teológica y proseguir hasta Macao, desde donde partían hacia sus misiones en Japón, China, India y otros reinos circundantes. También tuvieron lugar peregrinaciones terrestres, como la llevada a cabo por el jesuita Bento de Góis entre 1603 y 1605, quien recorrió cerca de 4.000 km. entre las inmensas estepas y montañas asiáticas hasta encontrarse frente a la Gran Muralla china.

## SUMMARY

Every year, from the beginning of the 16<sup>th</sup> century, a fleet left Lisbon bound for the Far East. In the *Carrera de Indias*, together with the sailors, soldiers and merchants, also missionaries went on board. They left us valuable testimonies on a trip that lasted about six or seven months which, in practice, implied the definitive farewell to their families, native country and friends (the missionaries only came back in unusual cases, most of them due to official reasons). When the missionaries arrived at their destinations, they awaited to conclude their theological education and went to Macao, where they travelled to Japan, China, India and other surrounded kingdoms. Terrestrial pilgrimages also took place, as the one carried on by the Jesuit Bento de Bóis who went over from the Asiatic vast steppes and mountains to the Chinese Wall between 1603 and 1605.

## 1. DAS LARGAS E TRABALHOSAS VIAGENS DOS MISSIONÁRIOS DO ORIENTE

Entre os grandes viajantes europeus que, desde a Idade Média até à época moderna, atravessaram os oceanos, escalaram as maiores cadeias montanhosas ou se embrenharam pelos imensos desertos e estepes dos continentes africano, asiático ou americano, ocupam, sem dúvida alguma, lugar de destaque os missionários, que, animados pelo ideal da expansão do Cristianismo entre “os gentios” dos novos mundos, deram corpo a viagens e travessias, cujas grandeza e ousadia, face à fragilidade dos meios então disponíveis, continuam, ainda hoje, a ser motivo de espanto.

Com efeito, quando, por volta de 1240, os exércitos de Gengis-Khan atingem as margens do Danúbio e lançam o pânico entre as cristandades da Europa, é um frade franciscano, Giovanni del Pian di Carpine, que o Papa Inocêncio IV escolhe para viajar até à corte do império mongol, com o objectivo de perscrutar a hipotética inclinação do seu imperador à conversão ao Cristianismo e ao estabelecimento de uma aliança com o papado e os príncipes cristãos, que, simultaneamente, os libertasse do pesadelo das invasões mongóis e possibilitasse o fortalecimento da luta que então moviam contra o Islão.

Assim, entre 1245 e 1247, frei Giovanni di Carpine viaja pelo Oriente, vindo a registar, posteriormente, na sua célebre *Historia Mongalorum*, as principais informações recolhidas ao longo de tão arriscada empresa. Entre essas informações, surgia, pela primeira vez na Europa, uma referência expressa ao Kytai, ou Reino do Cataio, como afirma Eduardo Brasão:

“Dessa longa e trabalhosa viagem, tão vazia de resultados, trazia Carpine uma mão cheia de novidades à Roma papal e ao mundo cristão; pela primeira vez havia referências ao distante Cataio, na forma de Kytai. Mas era um nome vago dum reino entre outros muitos apontados”.<sup>1</sup>

Decorridos apenas cinco anos, é ainda um franciscano, frei Guilherme de Rubrouck, que o rei Luis IX de França decide enviar ao encontro do imperador mongol, com a missão de secundar a embaixada papal e tentar obter os resultados não conseguidos por Carpine. Durante os

---

<sup>1</sup> Eduardo Brasão: *Em Demanda do Cataio*, Macau, Instituto Cultural de Macau, 1989, p.16.

anos de 1252 a 1255, Guilherme de Rubrouck percorre milhares de quilómetros, entre perigos e dificuldades de toda a espécie, numa viagem em que o fervor religioso se caldeia, não raras vezes, com o espírito de aventura e a curiosidade científica.<sup>2</sup>

Sobre os resultados desta empresa, escreve ainda Eduardo Brasão:

“Também a sua missão não foi coroada de êxito nos fins que tinha em vista. Mas o penetrante franciscano conseguira identificar o Cataio com a velha Seres, cujo conhecimento vinha do mundo clássico greco-romano”.<sup>3</sup>

Quando, já nos finais do século XV e dealbar do século XVI, Portugal e Espanha dão início às grandes viagens marítimas que os levarão à “descoberta” de povos e continentes até então completamente desconhecidos da Europa, os missionários apressar-se-ão a tomar lugar entre os marinheiros, os soldados e os mercadores, para seguirem as rotas das grandes navegações, independentemente de os seus comandantes se chamarem Vasco da Gama, Cristóvão Colombo, Pedro Álvares Cabral ou Fernão de Magalhães.

Com o decorrer dos anos, a acumulação de conhecimentos geográficos e o aperfeiçoamento dos meios náuticos, depressa se estabelecem ligações regulares entre a Europa e os principais pontos de destino no “descoberto”. Uma dessas ligações é garantida pela “Carreira da Índia”: a partir do início do século XVI, todos os anos, por ocasião das monções de Março / Abril, uma armada, constituída por diversas naus e alguns galeões, se faz ao mar no porto de Lisboa, rumo a Goa, numa viagem que, na melhor das hipóteses, durará seis ou sete meses.

Diversos *Catálogos* e outros documentos dos séculos XVI e XVII referem o número e os nomes dos missionários das diversas Ordens Religiosas, que, anualmente, tomavam lugar na “Carreira da Índia”. Cingindo-nos apenas aos membros da Companhia de Jesus e ao registo de partidas para as missões da Ásia (Índia, China e Japão) que nos é fornecido pelo *Catálogo dos Padres e Irmãos que foram enviados à Índia por ordem de cada ano*,<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Para um conhecimento mais completo desta viagem, leia-se Guillaume de Rubrouck, *Voyage dans l'Empire Mongol*, Paris, Payot, 1985.

<sup>3</sup> Eduardo Brasão, *Op. cit.*, p.16.

<sup>4</sup> Biblioteca Pública de Évora, *Códice CXV*, peça 9.

verificamos que, entre 1541 e 1600, inclusivé, embarcaram em Lisboa, com destino ao Oriente, 424 missionários jesuítas, atingindo o ponto máximo no ano de 1574 com a partida de 42. O mesmo *Catalogo* informa ainda que, apenas em sete anos, morreram 15 missionários durante a viagem.

Vários destes viajantes, entre os quais se contam Patriarcas da Etiópia, Bispos do Japão, futuros mártires e eminentes sinólogos, redigiram diários de bordo ou registaram, em cartas e outros escritos, as condições em que decorriam as viagens na “Carreira da Índia” e as dificuldades, os perigos e carências experimentados pelos passageiros, em maior ou menor grau, segundo as posses e o estatuto social de cada um. Num desses relatos, o italiano Alessandro Valignano - que realizou duas vezes a viagem entre Lisboa e Goa, além de se deslocar com frequência entre a Índia, Macau e o Japão, por força do cargo de Visitador da Província do Japão e da Vice-Província da China - recorda os condicionalismos desta viagem nos seguintes termos:

“Este viage de Portugal para la India (...) es sin ninguna contradición la mayor y más ardua de quantas ay en lo descubierto (...) Partiendo al principio de Março de Lisboa, que es el propio tiempo de comenzar esta navegación, no llegan a la India sino al principio de Setiembre.(...)”

Los peligros y trabajos que en nesta navegación se padecen son muy grandes y espantosos, assi por el enfadamento de pasar tanto tiempo en el mar, como por los grandes temores y muchas incomodidades que comúnmente se pasan. La 1ª incomodidad es de los lugares y cámaras; porque aunque las naos son grandes y poderosas, como van cargadas de mercaderías y de gente, y de grandissima cantidad de agoa y mantenimientos que basten para viage tan largo, quedan los lugares tan estrechos, que la gente común va toda desacomodada, dormiendo y estando todo el día y toda la noche al sol y frio en el convés de la nao; y la gente noble tiene unas camaritas tan estrechas y baxas y pequeñas, que apenas pueden caber en ellas.

La 2ª incomodidad es de los mantenimientos, especialmente para la gente común, porque, aunque S. A. provea liberalmente a todos, dando para cada día una cierta cantidad de biscocho, carne, pescado y agoa y vino, con que hombre podría pasar su vida, todavia como todo es crudo y salado, y los soldados no tienen vasijas para lo concertar sino muy incomodamente, no se puede dezir lo que padecen.

La 3ª es de los vestidos, en que no poco padece la gente común; porque como la mayor parte dellos son pobres y nuevos en tal viage, vienen de todo desapercibidos, y los pocos vestidos que traen se rompen y consumen en tanto tiempo; por lo qual después, pasando por lugares muy frios, padecen grandemente assi frio como muchas inmundicias.

La 4ª incomodidad es de las calmerias, que como pasan dos vezes la línea equinocial, debaxo de la qual (especialmente por Guinea) se detienen las naos algunas vezes por quarenta, cinquenta y sesenta dias, sin poder andar un solo grado adelante por falta de viento; en este tiempo están los hombres destilando de si un perpetuo sudor, que con tanta estrechura, calor y falta de todo género de refrigerio, no se puede declarar lo que se padece.

La 5ª incomodidad, que es la mayor de todas y que más se siente ordinariamente, es la falta de agoa; porque los que no tienen comodidad para la traer por si en sus jarras, aunque sean proveídos con la regla común que cada día se les dá, en mucha parte del viage es tan podrida y hedionda, que no se puede sufrir su olor, y comúnmente ponen un lienço en la boca quando beben para que quede en él la corrupción que tiene el agoa, y puedan beber el agoa no la viendo. Y fuera desto, como toda se da de una vez, y muchos, o porque no tienen vasijas en que guardarla, la pierden, o porque vencidos de la sed presente, la beven luego toda junta, quedándose después todo el día muriendo de sed.

La 6ª incomodidad es de las dolencias, que son tan ordinarias y frecuentes, como es necessario aver, donde se padece tanto por tanto tiempo, las quales van acompañadas de otras mil incomodidades, porque no tiene hombre refrigerio ninguno para alivio de su trabajo; que, aunque S. A. manda en cada nao un cirujano con su botica y provisión para los dolientes, no ay cosa que baste para tan grande viage y para tanta gente; y assi todo es poco y mal concertado y que presto se acaba. Y estas dolencias tanto son más graves, quanto la mayor parte dellas es debaxo de la tórrida zona, donde son grandísimos los calores que se padecen. De todo lo dicho se vee como son grandes los trabajos desta navegación”.<sup>5</sup>

Tendo em conta as enormes distâncias a percorrer e todos os condicionalismos e perigos acima referidos, a decisão de partir para o Oriente implicava, para qualquer missionário, a ideia dum despedida definitiva da família, da pátria e dos amigos, e a convicção de que dava início a uma viagem sem regresso. De facto, durante o século XVI e a primeira metade do século XVII, são extremamente raros os casos de jesuítas das missões da Ásia que regressam à Europa e, quando tal se verifica, trata-se normalmente do desempenho de missões oficiais, como aconteceu com Michele Ruggieri, enviado a Roma para negociar uma embaixada papal ao imperador da China,<sup>6</sup> ou com Alessandro Valignano, Nicolas Trigault,<sup>7</sup> Gil

---

<sup>5</sup> Alessandro Valignano, *Historia del Principio y Progreso de la Compañia de Jesus en las Indias Orientales (1542-1564)*, Roma. Institutum Historicum S. I., 1944, pp.9-13.

<sup>6</sup> Michele Ruggieri, natural de Nápoles, onde nasceu em 1543, embarcou para a Índia em 1577 e chegou a Macau em 1581. Foi o primeiro jesuíta a penetrar na China, a partir de Macau, por volta de 1582. Em 1588, regressou à Europa com a incumbência de apoiar o papa na preparação de uma embaixada da Santa Sé ao imperador da China, mas não viria a conseguir atingir os seus objectivos,

da Mata, Álvaro Semedo e alguns outros, que se deslocaram à Europa na sua qualidade de Procuradores das missões do Oriente.

No decurso destas longas e, frequentemente, acidentadas viagens, o preenchimento dos tempos vazios dos mareantes transformava-se numa necessidade de primeira importância. Efectivamente, à medida que a rotina se entranhava nos gestos e nos ritmos quotidianos e que a linha do horizonte se esfumava inexoravelmente na vastidão do oceano, o tédio e o nervosismo apoderavam-se dos viajantes e a tensão atingia, não raras vezes, proporções próximas do incontrolável. O mal-estar chegava ao rubro quando as naus se imobilizavam por completo na zona dos trópicos, por ausência de ventos, e, durante semanas a fio, permaneciam estáticas, debaixo de um sol abrasador.

Para suavizar um pouco os males desta monotonia e proporcionar alguma descontração ambiental, os missionários presentes na nau recorriam não só ao seu estatuto de animadores religiosos, mas também à sua formação filosófica e literária, promovendo as celebrações litúrgicas e as manifestações de carácter recreativo-moralizante que a escassez dos meios e a pequenez do espaço disponível permitiam.

Tendo em conta que a partida de Lisboa, por exigência de harmonização das monções do Atlântico Sul com as do Oceano Índico, se verificava, normalmente, no mês de Março, coincidindo assim com o final da Quaresma, a ocasião era propícia para as celebrações penitenciais e procissões da Semana Santa, seguindo-se as liturgias da Páscoa, da Ascensão, do Corpus Christi, etc.

---

devido às indecisões decorrentes da mudança de papa, vindo a falecer em Salerno, a 11 de Maio de 1607.

<sup>7</sup> O Pe. Nicolas Trigault, flamengo, partiu de Lisboa, na nau Nossa Senhora de Jesus, no ano de 1609. Tendo missionado na China, viria a ser escolhido, algum tempo após a morte do Pe. Matteo Ricci, ocorrida em Maio de 1610, para se deslocar a Roma, a fim de apresentar ao Geral da Companhia de Jesus, então o Pe. Cláudio Aquaviva, os escritos redigidos por aquele missionário italiano sobre os primórdios da Missão da China. A viagem de Macau à Europa, tal como o próprio Trigault relata, fez-se por via marítima até ao Golfo Pérsico, e por via terrestre desde aí até à Itália:

*"(...) Por justas causas navegué desde la Índia al estrecho Persico, i desde allí, tomando el camino por tierra, por la Persia, por la Arabia desierta, i por parte del imperio Turquesco, vine al Cairo; de allí por el mar Mediterraneo a Chipre, à Candia, al Zante, i finalmente guiandome Dios llegué a Otranto".* (Nicolas Trigault, *Istoria de la China i Christiana Empresa hecha en ella por la Compañia de Jesus*. En Sevilla, por Gabriel Ramos Veiarano, 1621).

Por outro lado, há notícia de jogos, folias e representações teatrais levadas a cabo nas naus da “Carreira da Índia”. A redacção das peças era, normalmente, da iniciativa dos missionários, sendo as personagens escolhidas de entre os passageiros da embarcação.

No seu estudo sobre o *Teatro Quinhentista nas Naus da Índia*<sup>8</sup>, o jesuíta Mário Martins analisa vários relatos de representações cénicas levadas a efeito no decurso destas viagens. Através de um desses relatos, da autoria do Pe. Bartolomeu Vallone,<sup>9</sup> ficamos a saber, por exemplo, que, em 1574, na nau Santa Bárbara (uma das cinco que partira de Lisboa no dia 21 de Março desse mesmo ano), foram representados vários *autos*. Um deles, no dia 10 de Julho, precisamente na festa do Corpus Christi. Trata-se de um auto sacramental, escrito em língua castelhana pelo Pe. Pedro Ramón, um jesuíta aragonês que conheceu bem de perto Alcalá de Henares, tal como refere Mário Martins:

“Pela festa do Corpo de Deus (...) organizaram uma procissão dentro do navio e representou-se um diálogo em castelhano (*língua hispanica*), composto pelo Pe. Pedro Ramón, S. J. Neste auto, entravam em cena alguns pastores que mostravam grande admiração pelo que viam na festa do Corpo de Deus. Entretanto, um anjo ia-os instruindo sobre o mistério da eucaristia.

(...) Era aragonês de Bastida, este Pedro Ramón. Entrou para a Companhia de Jesus em Alcalá de Henares, no ano de 1571, e dois anos depois achava-se já em Portugal, donde embarcou para o Oriente na mesma nau de Vallone: Santa Bárbara. Devoto e bom pregador, foi mestre de noviços em Goa e, em 1577, navegou para o Japão onde desempenhou também o mesmo cargo”.<sup>10</sup>

Segundo Vallone, durante esta mesma viagem, os passageiros da nau Santa Bárbara tiveram ainda oportunidade de assistir ou de participar na representação de mais um *auto* e uma *comédia*. O *auto* (*alius dialogus*), escrito em português pelo próprio Vallone, foi levado à cena no dia de Páscoa, a 12 de Abril de 1574. “Eram interlocutoras as três Marias (quer dizer, Maria Salomé, Maria Cléofas e Santa Maria Madalena) e alguns anjos”.<sup>11</sup> No que

---

<sup>8</sup> Mário Martins, *Teatro Quinhentista nas Naus da Índia*, Lisboa, Edições Brotéria, 1973.

<sup>9</sup> O referido relato encontra-se numa carta deste missionário jesuíta siciliano, enviada de Baçaim, a 28 de Novembro de 1574, na qual descreve a sua viagem entre Lisboa e a Índia, realizada nesse mesmo ano, na nau Santa Bárbara (in *Documenta Indica*, tomo 9, Roma, 1966).

<sup>10</sup> Mário Martins, *Op. cit.*, pp.16-17.

<sup>11</sup> Mário Martins, *Op. cit.*, p.18.

respeita à *comédia* de Santa Bárbara, também redigida em português pelo mesmo Pe. Bartolomeu Vallone, a sua representação viria a ter lugar já no Oceano Indico, após a travessia do Cabo da Boa Esperança: “Comedia S. Barbarae composita a me in lingua lusitanica est exhibitata transacto Promuntorio Bonae Spei”<sup>12</sup>

Uma vez terminada a viagem nas naus da “Carreira da Índia” com a atracagem no porto de Goa, os missionários aguardavam aí o tempo necessário, quer para concluírem a sua formação teológica, se o não tivessem feito já, quer para terem monção propícia que lhes permitisse prosseguir jornada rumo a Macau, caso os seus destinos fossem as missões do Japão, da China ou dos reinos circundantes.

No decurso destas longas e atribuladas viagens, ao desgaste físico provocado pelo cansaço, doenças e privações de toda a ordem, juntava-se o não menor desgaste psicológico decorrente dos sucessivos cortes e separações, primeiro, da família e da pátria, depois, dos colegas e amigos, uns que sucumbiam às enfermidades e ficavam para sempre no mar, outros que partiam para reinos distantes e incógnitos, definitiva e simultaneamente adoptados como pátria e sepultura.

De entre os numerosos testemunhos deixados por estes viajantes incansáveis - aos olhos dos quais, apesar da fé e do ideal que os animavam, assomavam com frequência as lágrimas da saudade e da violência dos cortes afectivos - transcrevemos as palavras do jovem jesuíta André Ferrão, redigidas pouco tempo depois da sua chegada a Macau, em Julho de 1658:

“(…) Parti [de Portugal] com o Padre Martino Martinez para a China o anno de 657, em quatro de Abril.

Chegamos a Goa a cinco de Setembro do mesmo anno, e finalmente a Macao a 14 de Julho de 658. De nossas largas e trabalhosas viagens não fiz relação para V. P., sendo que as pudera e desejava dizer copiosas, porque com mais gosto conta homem os trabalhos proprios que os suores alheos.

(...) só as [lágrimas] que choramos pelos companheiros que nos ficarão por esses largos caminhos e vastos mares (doze, não menos, nem todos mortos, que estes não passarão de quatro; dos oito que faltão para doze, tres ficão em Goa estudando por Santo Thomaz, e os cinco, parte em Goa, parte em Macassar) poderão, digo, as lágrimas que choramos por tão bons companheiros fazer outra fonte, que ha em Coimbra, que se diz fonte de lagrimas.

Não fallo nas que cada hum chorava por sy, que, enfim, somos de carne e não he o mesmo ser missionario que impassivel. Tão graves e continuas doenças, tantas as miserias e necessidades ( não por se faltar com a devida

<sup>12</sup> In *Documenta Indica*, tomo 9, Roma 1966, p. 457, (citado por Mário Martins, *Op. cit.*, pp.18-19).



provisão,<sup>13</sup> mas são muy compridas estas viagens e as estalagens, ainda que sobre as agoas, muy secas), tão desfeitos e acabados chegamos que diria bem quem nos chamasse reliquias, não só da missão da China, mas de nós mesmos”.<sup>14</sup>

A juntar às doenças e ao desgaste físico e psicológico provocados pela rotina diária, pela exiguidade do espaço, pelo excesso de calor ou de frio, pela falta de alimentos frescos e de água potável, etc., os mareantes viam-se frequentemente envolvidos em violentas tempestades marítimas, particularmente na passagem das correntes do Cabo, por isso mesmo apelidado de Cabo das Tormentas. Em tais circunstâncias, para além do necessário auto-controlo face à sua própria e natural aflição, os missionários deviam acorrer ao chamamento ininterrupto dos restantes passageiros, desesperados com a perspectiva do naufrágio e o pavor da morte eminente.

Os séculos XVI e XVII são abundantes em textos de língua portuguesa com relatos de tempestades medonhas e descrições impressionantes da aflição e do desespero que, em tais ocasiões, se apoderavam dos mareantes. Muitos desses textos encontram-se ainda inéditos, outros foram impressos, isoladamente ou em colectâneas, destacando-se, neste último caso, o conjunto de narrativas organizadas e editadas em dois volumes, respectivamente em 1735 e 1736, por Bernardo Gomes de Brito, com o título abrangente de *História Trágico-Marítima*.<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> Os missionários, portugueses ou de outras nacionalidades, que partiam para o Oriente na “Carreira da Índia”, não só porque se destinavam às missões do então chamado Padroado Português, mas também pelo facto de lhes ser atribuído o serviço religioso a prestar aos restantes passageiros e tripulação das naus, tinham direito a “fato e mantimento” por conta da fazenda real, tal como o atesta, entre outros, o seguinte documento de 1656:

“Eu El Rey faço saber aos que este Alvará virem que eu hey por bem que aos Padres da Companhia de Jesus, a saber António de Saldanha, André Gomez, Francisco Vellbo, João de Abreu, Phelippe Copley, Francisco de Rougemont, Ignacio [?] e Jorge de Runes que este presente anno se embarcarão para a Índia se lhes dê gazalhado conveniente na embarcação em que forem para suas pessoas, fato e mantimentos, como se deo aos Religiosos que se embarcarão os annos passados, tendo respeito a sua Religião e haverem de administrar os Sacramentos nas embarcações em que forem, e assim se lhe dará sua regra de carne, pescado, vinho, azeite e vinagre, e mais couzas necessarias lhe mandey dar por via do Bispo meu Capellam mor na forma de minhas ordens... Em Lisboa, a vinte e hum de Março de seiscentos e sincoenta e seis annos”. (Biblioteca da Ajuda, Códice 49-V-14, fl. 328v.).

<sup>14</sup> Biblioteca da Ajuda, Códice 49-V-14 (fl.62v. - 63): *Annua da Vice Provincia da China de 1658*.

<sup>15</sup> Bernardo Gomes de Brito, *História Trágico-Marítima em que se escrevem chronologicamente os Naufragios que tiverão as Naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a Navegação da Índia*. Tomos I e II. Lisboa Occidental, na Officina da Congregação do Oratorio, 1735 e 1736.

O trecho a seguir transcrito, extraído da Carta Anua da Missão da China relativa ao ano de 1643, refere o naufrágio (não consumado) do Galeão em que viajava o missionário jesuíta Bartolomeu Tedesquio, ou Tedesquino, natural de Génova, que partira de Lisboa, em Março de 1629, com destino à Índia. O relato põe em evidência a atitude assumida pelos missionários nestas circunstâncias em que eles próprios se viam igualmente com “a morte diante dos olhos”:

“(…) Deo o Galeão nas correntes e sem remedio algum o levarão ao baixo *que* chamão de João da Nova; em nove dias, às dez horas da noite, indo com vento em poupa para sua ruina, deo as primeiras pancadas com estrondo de trovão. Responderão os clamores e gritos da gente no mesmo som, a confusão das vozes, ou buscar cada hum remedio da sua vida, entrando a agoa pellas aberturas e costado em grande copia, *que* todos ja se davão por perdidos antes do amanhecer.

Estiverão sempre os Padres em seu posto animando a todos e confessando a muitos, e fazendo-se prestes para receber alegremente a morte. O que padeceo o Padre Tedesquino neste naufragio foi muito. Os mezes que estive no baixo esperando socorro tinha sempre a morte diante dos olhos”.<sup>16</sup>

Ainda sobre o ambiente criado no interior das naus e o papel de animação social e religiosa aí desenvolvido pelos missionários ao longo de toda a viagem, não deixa de ser elucidativa a anotação que o autor do já referido *Catalogo dos Padres e Irmãos que foram enviados à Índia* introduziu no final da lista dos seis jesuítas portugueses que, no ano de 1613, partiram rumo ao Oriente:

“Erão quatro naos, todas arribarão. Na Capitaina ouve mais de 400 doentes, e a todos acodirão os Padres com *muita* charidade, e só morrerão 11, e dos Padres nenhum, inda *que* todos adoeceram com *muitas* sangrias. Dia de Santo Ignacio fizerão *muita* festa com luminarias, folias, jogos, patos e sortes (...). Disse hum Padre missa com *muita* consolação e comungarão alguns 400”.<sup>17</sup>

Nestas circunstâncias, o estado físico e psicológico atrás descrito por André Ferrão à sua chegada a Macau - “tão desfeitos e acabados chegamos

---

<sup>16</sup> Biblioteca da Ajuda, *Códice* 49-V-13 (fls.519v.-520): *Annua da Missão da China da Vice Provincia do Sul do anno de 1643 para nosso Muito Reverendo Padre Geral em Roma*. Fô Cheu, em Agosto 15 de 1645. (Redigida por António de Gouvea).

<sup>17</sup> Biblioteca Pública de Évora, *Op. cit.*, fl. 17.

que diria bem quem nos chamasse reliquias, não só da missão da China, mas de nós mesmos” - parece não constituir excepção, mas antes ilustrar o que acontecia com a generalidade dos missionários que aí aportavam. A prová-lo está o facto de, por volta de 1606, os jesuítas terem decidido transformar uma pequena ilha deserta que existia nas imediações de Macau<sup>18</sup> numa estância de convalescença e tratamento dos seus confrades recém-chegados da Europa. É o Padre António de Gouvea quem o afirma, na sua *Ásia Extrema*, redigida no interior da China, em 1644:

“De frente do Collegio [de Macau] está h | a ilha, ou para melhor dizer, hum penedo deserto que terá de circuito menos de meyo terço de legoa, então despovoado, agreste, sem outra cousa mais que ossos de alguns chinas alli sepultados. Tomarão os Padres / esta estancia para convalescencia e alivio dos que de Europa, depois de tão largas viagens, chegavão a Macao. Levantarão cazas e capella, concertarão tudo sem fausto mas com graça, e perdendo o nome de ilha deserta e secca, se chamou e chama Ilha Verde”.<sup>19</sup>

Tendo em consideração a fragilidade dos meios e os limites das condições de navegação da época, é com espanto que hoje tomamos consciência das enormes distâncias percorridas pelos missionários que demandavam, nos séculos XVI e XVII, as partes do Oriente, particularmente por aqueles que se dirigiam à China, ao Japão, às Filipinas, etc. Com efeito, referindo-se a São Francisco Xavier, António de Gouvea, na sua já citada *Ásia Extrema*, afirma que este seu confrade, “por serviço de Deos e bem das almas tinha andado mais de trinta mil legoas, contando com suas viagens e caminhos / de mar e terra, de ida e volta”.<sup>20</sup>

E no *Memorial* que dirigiu ao imperador da China, em 1610, solicitando autorização para sepultar em Pequim o seu companheiro Matteo Ricci, falecido em Maio desse mesmo ano, o jesuíta espanhol Diego Pantoja declarava:

“Eu, ainda que de Reyno remotissimo, movido pela fama e grandeza de vosso Imperio, naveguei por espaço de tres annos immensos mares, passando cabos e correntes perigosas por mais de seis mil legoas, com a morte sempre aos olhos”.<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> Trata-se da Ilha Verde que ainda hoje mantém este nome.

<sup>19</sup> Biblioteca da Ajuda, *Códice 49-V-1: Ásia Extrema*, Primeira Parte ( pp. 289-290).

<sup>20</sup> *Ibidem*, pp. 130-131.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 334.

## 2. A LONGA TRAVESSIA ASIÁTICA DE BENTO DE GÓIS

Se, para muitos destes missionários, a chegada a Goa, Macau, Filipinas ou Japão, representava o termo da sua mais longa e atribulada viagem, para outros, tal chegada não significava mais do que uma primeira etapa e um breve repouso numa existência de contínuas andanças marítimas e fluviais, ou o início de uma peregrinação terrestre através das imensas estepes e majestosas montanhas do vasto continente asiático.

De entre todos esses incansáveis viajantes -uns cuja memória perdura nos relatos que deixaram ou nos testemunhos dos seus contemporâneos, outros injustamente caídos no esquecimento da História-, referirei tão somente, e de forma inevitavelmente “telegráfica”, o protagonista de uma das mais longas e arrojadas travessias da Ásia levadas a cabo por europeus: o jesuíta Bento de Góis.

Para uma contextualização desta viagem realizada entre 1603 e 1605, torna-se imprescindível um breve recuo na História, concretamente, até meados do século XIII. De facto, como acima fica dito, foi em 1247 que, no seu regresso da corte do império mongol, Frei Giovanni di Carpine deu a conhecer à Europa o termo Kytai, ou Cataio, como designando um vasto e poderoso reino oriental. Alguns anos mais tarde, Guilherme de Rubrouck, na sequência de uma viagem semelhante e complementar à de Carpine, identificaria o Cataio com os antigos Seres, já referenciados pela cultura greco-romana como os produtores da seda.<sup>22</sup>

Todavia, será com o relato das viagens de Marco Polo, trazido a público mesmo no final do século XIII, que o termo Cataio se divulgará rapidamente por toda a Europa, transformando-se em breve numa das maiores referências míticas europeias dos finais da Idade Média. Com efeito, no seu *Livro*, o viajante veneziano descreve o reino do Cataio como um imenso e fértil território asiático, terra copiosa de riquezas e especiarias várias, semeada de sumptuosos palácios com paredes revestidas de ouro,

---

<sup>22</sup> A referência aos Seres encontra-se, concretamente, na *Naturalis Historiae* de Caio Plínio Segundo. Na tradução castelhana desta obra publicada em dois volumes, em 1624 e 1629, podemos ler: “*Los primeros bombres que se conocen son los Seres, nobles por su lana que se coge en sus selvas, los quales peinan la canicie de las hojas, rozjada con agua: de donde les viene a nuestras mugeres doblado trabajo de urdir los hilos y tornillos a texer, con tan vario artificio y trabajo; y con tan largo camino se va a buscar para que en publico / salgan lucidas y bizarras las damas. Los Seres es cierto que son mansos, pero son muy semejantes a fieras, porque buyen la compañia de los demas mortales, aunque esperan sus tratos*”. (Caio Plínio Segundo, *Historia Natural*, I Vol. Madrid, por Luiz Sanchez, 1624, pp. 199-200).

habitado por “homens muito mansos e amigáveis”, que se deliciam com o vinho de arroz e utilizam o carvão fóssil como fonte de energia.<sup>23</sup> Acresce ainda que, mercê da evangelização que teria sido levada a cabo pelo Apóstolo S. Tomé, encontrar-se-iam ainda nesta região da Ásia diversos núcleos de cristãos, agora pacificamente governados, temporal e espiritualmente, pelo Preste João do Oriente.

Com base nestas informações veiculadas por Marco Polo, a imagem do Cataio foi-se impondo aos olhos da Europa sob a forma de um reino misterioso, supostamente situado entre os impérios mongol e chinês, passando a tornar-se objecto de cobiça pela fama das suas riquezas e pólo aglutinador das atenções dos missionários pela hipotética sobrevivência de antigas comunidades cristãs.

Esta visão mítica do Cataio e a sua relação com a figura igualmente mítica do Preste João mantinham ainda toda a sua actualidade no início do século XVI. De facto, na *Relaçam Annual das Cousas que fezeram os Padres da Companhia de Jesus nas Partes da Índia Oriental (...) nos annos de seiscentos e dous e seiscentos e três*, editada em Lisboa em 1605, o jesuíta Fernão Guerreiro configurava nos seguintes termos a imagem do reino do Cataio então vigente na Europa:

“O Catayo, como noutras relaçoens se tem tocado, he um grande imperio, o qual se tem por informação certa ser quasi todo de Christãos, posto que entre elles vivam muytos mouros e infieis, e ainda *que* nam está averiguado que Reynos e Provincias estas sejam, ha porem sobre isto diversas opiniões, porque, conforme a relaçam de pessoas e autores dinos de fé, se tem por provavel ser este o imperio do verdadeyro Preste Joam do Oriente, o qual antigamente el Rey dom Joam 2º deste Reyno mandou descobrir por terra às partes da India, antes que os Portugueses lá fossem por mar, e nam o Rey do Abexim, como até agora se cuydava. Porque este do Catayo se sabe ser o Rey *que* quando cavalga leva diante tres cruzes: a primeira de ouro, a segunda de prata, a terceira de metal. Seu nome he Ioanas. Tem superioridade sobre todos, assi no espiritual como no temporal”.<sup>24</sup>

Enquanto esta visão mítica continuava a perdurar na Europa, a realidade ia tomando contornos bem diferentes entre os jesuítas que se

---

<sup>23</sup> *O Livro de Marco Paulo*, Edição de Francisco Maria Esteves Pereira, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1922, pp. 39v.-40.

<sup>24</sup> Fernão Guerreiro, *Relaçam Annual das Cousas que fezeram os Padres da Companhia de Jesus nas Partes da Índia Oriental (...), nos annos de seiscentos e dous e seiscentos e tres*. Lisboa, 1605 (pp. 61v.-62).

encontravam no Oriente. Efectivamente, com a chegada à Corte de Pequim dos primeiros missionários, em 1598, não só se adensam as dúvidas quanto à situação geográfica, mas também quanto à própria existência de tal reino, crescendo a convicção de que o termo Cataio poderá não passar, afinal, de uma outra forma de mencionar o império da China.

É precisamente neste contexto de dúvida aberta que os jesuítas de Goa começam a gizar o projecto de uma viagem terrestre através da Ásia Central, com o objectivo bem preciso de averiguar experimentalmente a existência do Cataio e, em caso afirmativo, as suas coordenadas geográficas e as suas potencialidades como hipotética plataforma de apoio a uma mais rápida expansão do Cristianismo.

Tratava-se agora de encontrar o homem certo para levar a cabo uma empresa tão cheia de riscos e dificuldades quão decisiva para a futura estratégia das missões do Oriente. A escolha viria a recair sobre Bento de Góis, natural da Ilha de S. Miguel, nos Açores, onde nascera em 1562, e que, tendo partido para a Índia como soldado, havia aí pedido o seu ingresso na Companhia de Jesus como simples Irmão. Na sua *Ásia Extrema*, António de Gouvea traça o perfil deste seu confrade, acentuando os traços humanos e religiosos que o confirmam como a melhor escolha possível para a jornada em demanda do Cataio:

“(…) muyto religioso e prudente, aptissimo para esta empreza, porque por aver ja annos que estava no Mogor, sabia fallar muyto bem Parseo, que he a lingua da Corte, universal em todos os Reynos de Mogouros por onde avia de passar; estava pratico nos costumes e cortesias desta gente e muy animado aos perigos e risco da vida que tão longos caminhos prometião”.<sup>25</sup>

Ainda segundo a narrativa de Gouvea, os preparativos para a viagem incidiram no armazenamento de “mercadorias com que se podesse ir sustentando” e na escolha dos outros elementos que haviam de integrar a comitiva, mas também na dissimulação da verdadeira identidade de Bento de Góis, quer através da transformação do seu aspecto exterior, quer recorrendo à adopção de um pseudónimo que afastasse qualquer hipótese de suspeita:

---

<sup>25</sup> Biblioteca da Ajuda, *Códice 49-V-1: Ásia Extrema, Primeira Parte*, p. 299.

“Posto a caminho em traje de armenio, com nome de Abdula (...) hia em forma e tituto de mercador armenio, com mercadorias de que se podesse ir sustentando com seus companheiros”.<sup>26</sup>

Na carta que enviou da cidade de Laore ao Vice-Provincial da Companhia de Jesus em Goa, datada de 30 de Dezembro de 1602, o próprio Bento de Góis refere-se a este disfarce e aos seus últimos preparativos nos seguintes termos:

“(…) Despi tambem a roupeta que trazia, para vestir os trajos da terra, elles são os que trago agora; não sei encarecer a V. R. o que dizia a sua alma o novo peregrino de Jesu Christo quando se vio nestes trajos tão estranhos (...) e daqui me vou negoceando com titolo de mercador; para mais dissimulação, ando com huma barba que me dá pellos peitos e o cabelo comprido conforme ao costume da terra”.<sup>27</sup>

As coordenadas espaço-temporais da viagem de Bento de Góis ao Cataio são referidas, na *Ásia Extrema* de António de Gouvea, de forma bem explícita, permitindo-nos situar o seu início na cidade de Laore, no reino do Mogor, pela Quaresma de 1603, e o seu término na cidade de Só Cheu (ou Suchow), já adentro das grandes muralhas da China, no final de 1605. Ter-se-á, assim, prolongado por um período de cerca de três anos, percorrendo o viajante uma distância que o Professor Luis de Albuquerque estima em aproximadamente quatro mil quilómetros,<sup>28</sup> ao longo de um itinerário que o levou de Laore a Cabul, actual capital do Afeganistão, a Ircanda, no Turquestão Oriental, a Chalis, a Turfan, ao deserto de Gobi e, finalmente, às grandes muralhas da China, que transpôs, como dissemos, em finais de 1605, já seguro de que o Cataio que buscava não era outro que a China em que se encontrava.

“Daqui, em nove jornadas, chegou aos Muros grandes da China, entrando na cidade e fortaleza Chay Quañ, aonde se deteve vinte e cinco dias, esperando ordem do Tú Tam daquela Provincia, que he a de Xen Sí, e com sua licença entrou as portas e pos os pés no seu Grão Cathayo, na cidade Só Cheu,

---

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 299.

<sup>27</sup> Fernão Guerreiro, *Op. cit.*, pp. 62v.- 63.

<sup>28</sup> Luis de Albuquerque, *Op. cit.*, p. 191.

aonde já lhe não ficava que duvidar, nem de ser a China o Cathayo, nem dos Padres estarem em Pequim...

Entrou nesta fortaleza Só Cheu o Irmão Bento de Goes por fim do anno de 1605. (...) As forças ja recuperadas, alegre e contente de ter achado e descoberto o Cathayo, ouvindo que os mouros daquela fortaleza chamão aos chinas cathayos, assi como os portuguezes lhe chamão chinas e os das Phelippinas sanglezes, escreveo ao Padre Matheus Ricio à Corte, dando-lhe conta de sua chegada”.<sup>29</sup>

Ao possibilitar a identificação do reino do Cataio com o Império da China, através de um saber de experiência feito, esta viagem de Bento de Góis representa o fim dos mitos do Cataio e do Preste João do Oriente, mitos esses que, durante séculos, haviam alimentado a imaginação e os sonhos de uma Europa empobrecida por contínuas guerras e permanentemente ameaçada nas suas fronteiras.

Por outro lado, considerando a finalidade com que foi gizada e os interesses e preocupações expressamente manifestados no seu decurso pelo principal protagonista, esta demanda do Cataio pode, a todos os títulos, ser tomada como o paradigma da viagem em que se entrecruzam objectivos de diversa ordem, que, no caso presente, vão do campo religioso (o desejo de expansão do Cristianismo) até ao campo científico (a recolha de informações de carácter geográfico, etnográfico e histórico).

---

<sup>29</sup> Biblioteca da Ajuda, *Códice 49-V-1: Ásia Extrema, Primeira Parte*, pp. 306-308.





Figura 1. Rota do Ir. Bento de Góis em demanda do Cataio.  
Fonte: Videira Pires, *Portugal no Tecto do Mundo*, ICM, 1988.